

Professor Silva Telles, reminiscências

Alex Nicolaeff - IHGV

Em dois de abril de 2012 morreu Augusto Carlos da Silva Telles, arquiteto do patrimônio que tinha laços familiares e profissionais em Vassouras. A um ano daquela data, trago ao IHGV algumas reminiscências de meus contatos com o mestre de gerações de arquitetos cariocas. Começaram em 1958 quando fui incumbido com Heráclito Frederico Mindelo e José Carlos Nabuco para fazermos o levantamento arquitetônico de uma fazenda de café em Vassouras. Era trabalho acadêmico para a cadeira de Arquitetura no Brasil, dirigida por Paulo F. Santos e assistência de Silva Telles. Vivíamos a euforia de Brasília, marco mundial do modernismo e foco constante da profissão. Nós, jovens universitários, encontramos na antiga fazenda as origens conceituais de palácios em construção no Planalto Central: a extensa varanda frontal, elevada do chão, protegendo do sol e da chuva, se relaciona com o partido arquitetônico adotado por Niemeyer no Palácio da Alvorada.

Em 1961 foi publicada pelo SPHAN a tese de doutorado de Silva Telles *Vassouras - estudo da construção urbana residencial*. Ainda de sua autoria a revista *Arquitetura* publicou em 1967 estudo sobre Jayme T. da Silva Telles *Um pioneiro da arquitetura moderna* (nº 58) e também *O museu rodoviário - A antiga estação de mudas de Paraíbuna* (nº 60), no qual evoca inovações importantes para a economia do Vale do Paraíba. Os textos encontram-se no acervo do IHGV.

Um curioso episódio nos aproximou em 1968 quando Carlos Flexa Ribeiro, catedrático concursado da cadeira de História de Arte na FAU-UFRJ, foi nomeado para um cargo na UNESCO, devendo ausentar-se por longo período. Seu substituto regimental era o brilhante intelectual e crítico de arte Mário Pedrosa. Necessitava de um auxiliar nas novas funções. Assim, por indicação de Silva Telles, recebi telefonema e convite de Mário. Colaborei na cadeira até ele se afastar das funções declarando na sua carta de demissão “não tenho automóvel para ir à Ilha do Fundão”. Foi uma formidável experiência universitária.

O *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil* de Silva Telles foi uma aparição, um espanto, era o livro que faltava. Abrangente, ilustrado e barato (Cr\$ 80,00) mostrava um panorama inédito de nossa arquitetura, de norte a sul, de leste a oeste. Entusiasmado, inscrevi a obra, juntamente com

Maurício Nogueira Batista, na Premiação do IAB de 1975 em nome do autor. Vejo na minha lembrança o Silva Telles, com mulher e filhos, comparecer para receber seu prêmio na sede do Instituto de Arquitetos do Brasil à Rua Conde de Irajá, Botafogo.

Em 1976 ocorreu a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. Na Secretaria de Educação do Governo Faria Lima, a cargo da professora Myrthes da Lucca Wenzel, foi criado por Paulo Afonso Grisolli e João Ruy Medeiros o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, o INEPAC. Fui amigo de Grisolli desde sua chegada ao Rio, vindo de São Paulo. Um belo dia me ligou pedindo informações sobre patrimônio bem como sugestão de nome para exercer cargo afim. Eu disse o que sabia na minha visão de observador e sugeri o Silva Telles. Dias depois Grisolli falou que o professor estava por demais ocupado para aceitar o convite, mas perguntou quem o tinha indicado. Informado, perguntou: “porque não convida o Alex?” E assim, me tornei diretor do INEPAC, graças ao Silva Telles.

Na direção do órgão adotei por lema uma observação de Rodrigo Melo Franco de Andrade: “A defesa do patrimônio só poderá ser garantida por obra da educação”. Começando da estaca zero, com poucos funcionários para atuar no estado inteiro, mobilizei prefeituras para a realização de *Encontros do Patrimônio Cultural*. Visava obter a colaboração de moradores locais, íntimos dos bens, para as pesquisas indispensáveis. O trabalho era remunerado, sem muita burocracia, graças à inédita estrutura criada por Grisolli e João Ruy. Determinei a feitura de um manual de preenchimento de fichas cadastrais, meus funcionários tornaram-se didatas na orientação dos contratados. Um dos primeiros *Encontros* foi em Vassouras (1976) e na cerimônia de abertura contamos com a presença do professor Silva Telles. A Prefeitura e a Universidade Severino Sombra colaboraram. Marilda Ciribelle e suas alunas preencheram fichas cadastrais de prédios escolhidos por elas.

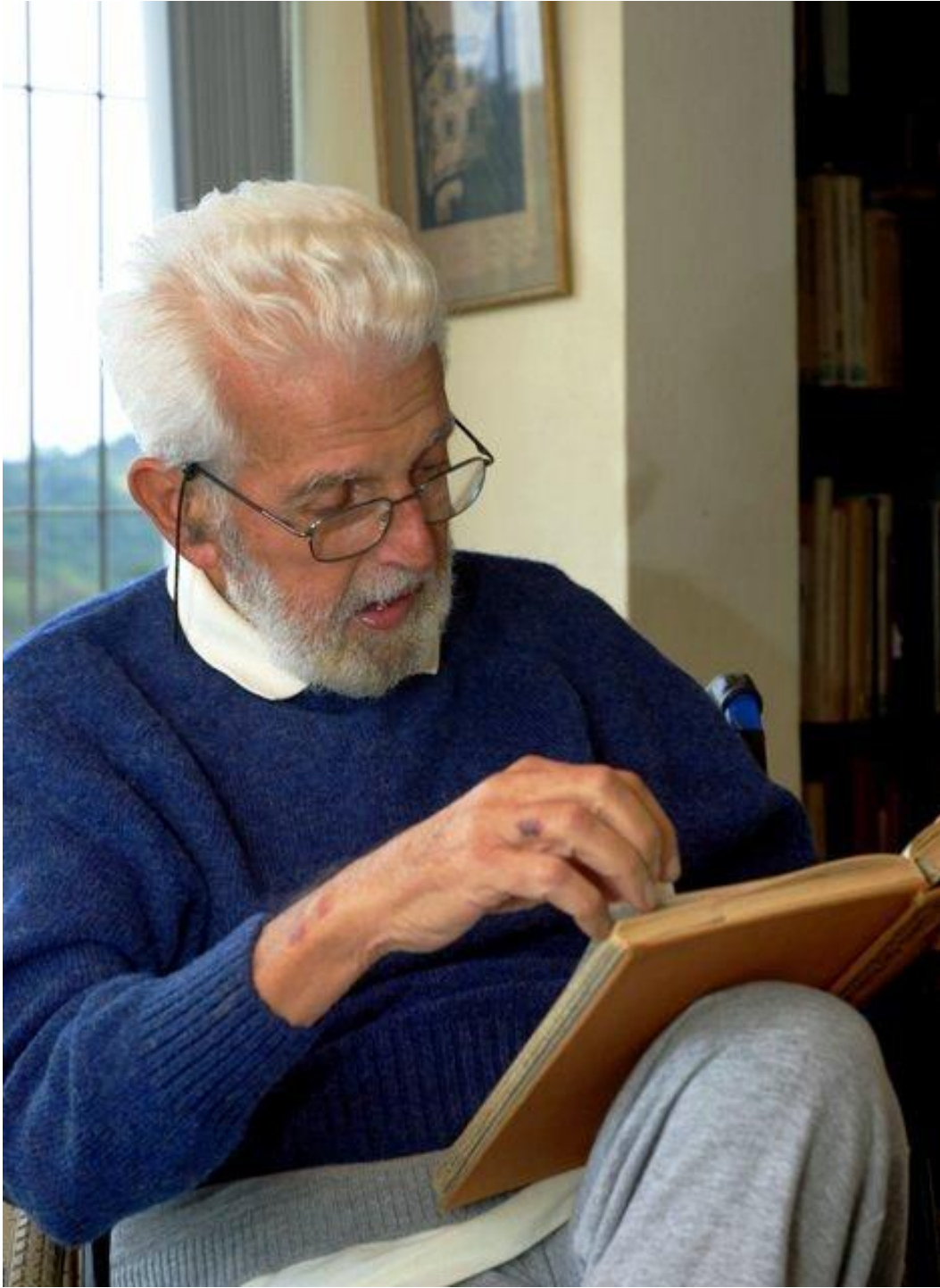
ICOMOS é sigla de *International Council on Monuments and Sites*, Comitê Internacional de Monumentos e Sítios, órgão filiado a UNESCO, com objetivo de atuar na preservação do patrimônio em nível de consulta e apoio a organismos oficiais. O Comitê brasileiro foi criado em 1978 por Silva Telles que atuou com paciência e habilidade durante as complexas tramitações. Contou com o apoio internacional do arquiteto Roberto di Stefano, da Itália. Silva Telles foi o sócio de nº 1. Como integrante do pequeno grupo fundador eu recebi o nº 2.

No dia cinco de julho de 1991 ganhei de presente o mais importante livro de Le Corbusier em tradução inglesa *Towards a new architecture* com a seguinte dedicatória: “Para o amigo Alex, uma lembrança de meu Pai que você conheceu. Abraços - Augusto” Um carimbo na folha de rosto diz: JAYME T. DA SILVA TELLES - ENG. ARQ. C.R.E.A. 2798 D. Guardo este livro com muito carinho.

Durante os meses de minha permanência no Conselho Estadual de Tombamento em 2007 tive meus últimos contatos de trabalho com Silva Telles. Neste ano publicou *O Vale do Paraíba e a arquitetura do café*, belo fecho de um ciclo de estudos iniciado em Vassouras. Transcrevo do prefácio de Marcus Monteiro, diretor geral do INEPAC: “... o mestre Silva Telles, sábio, com extrema sensibilidade, dedicação e desprendimento, segue fazendo a sua parte, compartilhando com todos seu precioso saber, que nos influencia, inspira e fortalece na luta desigual pela proteção de nossos bens culturais.”



Fazenda de café em Vassouras - 1958 - foto: Alex Nicolaeff



Professor Silva Telles



Abertura do Encontro do Patrimônio Cultural em Vassouras (15/10/1976)
Da esquerda para a direita, o professor Silva Telles é o segundo, Alex Nicolaeff é o quarto, seguido de Marilda Ciribelli, o diretor Sombra, o reitor Severino Sombra e o historiador Marcelo Ipanema